

Cinquenta anos depois da morte, Pessoa está mais vivo

Alberto Caeiro
Alvaro de Campos
Ricardo Reis
Bernardo Soares
Fernando Pessoa

E da dispersão nasceram vozes... - a heteronímia pessoana

Por ANA PAULA COUTINHO e GRAÇA MARIA CRUZ

«Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ansias que repudio (...). Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto para reflexões falsas uma única realidade que não está em nenhuma e está em todas.»

Personalidade repartida, Fernando Pessoa, perante a vida que o angustiava, tenta encontrar a resposta em vozes que ecoavam em si de uma forma intensa. Para ser ele próprio, multiplica-se num universo de escritas, expressando cada uma delas um olhar específico e um modo particular de estar no Mundo. Nasce assim os heterónimos, num dia de Março de 1914, segundo uma carta de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.

Na criação heteronímica pessoana não se trata de um conjunto de meros pseudónimos. Estes ficam-se apenas pela menção imaginosa de um nome mais ou menos sonoro que pretende esconder a só personalidade literária. As figuras criadas por Pessoa não são de forma alguma pseudónimos. São antes personalidades literárias que derivam do próprio acto da escrita. Neste caso, os poemas preexistem aos poetas.

Pessoa fala-nos, assim, de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, personalidades com uma biografia própria e até mesmo um horóscopo. Há ainda o semi-heterónimo Bernardo Soares que por ser tão autobiográfico, não adquire a autonomia dos outros.

FERNANDO PESSOA E O TEXTO JORNALÍSTICO

(Continuado da pág. anterior)

Mas, como sempre, no desenvolvimento do texto, Pessoa, derivando, passa da dimensão literária ao questionamento da dimensão ética do jornalismo. E, comparando-o a um sacerdote religioso, conclui tratar-se, não de um sacerdotio em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo, mas de um sacerdotio em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo, mas de um sacerdotio em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo...

«Sentou-se bebado à mesa e escreveu um fundo l Do Times, claro inclassificável, lido, l Supondo (coitado!) que ia ter influência no Mundo... l... .. l... .. l Santo Deus!... E talvez a tenha tido!» (2).

Campos, nesses dois textos, faz ao mesmo tempo o elogio e a crítica do jornalismo, traçando-lhe as ambições e os limites. Dentro da lógica da contradição complementar, a coexistência da verdade e da mentira, da sinceridade e do fingimento, aparece como a condição da linguagem jornalística, quer informativa quer de opinião: desde as «notícias desmentidas» aos «artigos políticos insincera e sinceramente sinceros», é da «expressão» poética das «sensações» que se trata.

Intertextualmente, as relações entre o jornalismo e a literatura são por Pessoa tratadas num texto em que, dialogicamente, conversa com um jornalista. Assim se delinea a tese — segundo a qual o jornalista — segundo a lógica mental da literatura — «funda a literatura em Campos», pois literatura é «Com esta reserva (mental ainda) — como, porém, o seu fim não é senão ser literatura naquele dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa breve época ou curta geração, vive perfeita e conforme os seus fins» (3).

Dir-se-ia que é uma alusão à sua breve passagem por «O Jornal», na época do Orpheu, até geracionalmente evocada.

Mas, como sempre, no desenvolvimento do texto, Pessoa, derivando, passa da dimensão literária ao questionamento da dimensão ética do jornalismo. E, comparando-o a um sacerdote religioso, conclui tratar-se, não de um sacerdotio em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo, mas de um sacerdotio em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo...

Restar-nos-ia agora a nós, leitores, interrogar-nos, paradoxalmente, sobre se haveria então, a não ser à maneira de uma fábula, moralidade nos textos jornalísticos de Pessoa. Parafraseando Barthes, veremos apenas neles, por ironia, a celebração da «moral da forma», que é essencialmente a «escrita», tal qual a definiu no Grau zero.

(1) Cf. João Gaspar Simões, Vida e obra de Fernando Pessoa, Lisboa, 1951, Vol. II, pp. 10 e segs. e Luigi Panarese, Cronistória della vita e della opera, in Poésie, Milano, 1967, pp. CXXII e segs.

(2) Cartas a Armando Cortes-Rodrigues, introd. de Joel Serrão, Lisboa, 1944, p. 106.

(3) Obra em prosa, Rio de Janeiro, 1976, p. 381.

(4) Obra em prosa, p. 600.

(5) Idem, ibidem.

(6) Idem, p. 601.

(7) Do Sebastianismo ao socialismo em Portugal, Lisboa, 1969, p. 108.

(8) Obra em prosa, p. 582.

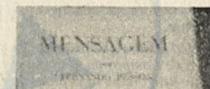


«Orpheu e a cultura oficial», num desenho de Almada.

Pessoa na arte postal



«O poeta é um fingidor» — a frase é conhecida, e mais conhecida é agora, que 187 artistas de vários cantos e recantos do Mundo que já não é «redondo» a descobridor de um modo original. São os participantes na exposição organizada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Uma exposição de arte postal, precisamente subordinada ao título que o verso pessoano lhe emprestou. Os números, mas também a qualidade e originalidade das participações, dizem tratar-se de um sucesso, e a bem dizer um sucesso duplo: uma forma de evocar Pessoa sem excessivos dispêndios, uma chamada de atenção para a arte postal, que muitos desconhecem, e que definiu um significativo campo de acção a partir da década de 60. Não são só, ou apenas, postais, aquilo que de muitos lugares chegou à AJHLP. Objectos diversos, desde que transportáveis pelo correio, tais como poemas, fotografias, colagens, montagens, etc. A coordenação geral desta exposição foi de Abílio José Santos que juntamente com os vários convites que fez mandou traduções de poemas de Fernando Pessoa. As respostas não se fizeram esperar. A exposição abre hoje, às 11 horas da manhã, na sede da associação, Rua de Rodrigues Sampaio. Bom proveito.



Mensagem

Pessoa na ficção da pintura - aspectos de uma iconografia

Por EDUARDO PAZ BARROS

Fernando Pessoa, poeta dividido e disseminado por várias razões de ser e outros tantos modos de existir, cedo se tornou uma presença excepcional na produção plástica portuguesa.

Relação e comunhão de imaginários inerentes à literatura e à pintura que havia também de inspirar uma iconografia que se quis e desejou acesso a uma reminiscência, o sonho trocado imagens, a vida substituída por ideias, multiplicidades abraçadas sobre a efígie de um Poeta sem vontade para tutelar as suas partes constituintes.



Xilogravura de Manuel Cabanas.

A obra de Pessoa no domínio público Cinquentenário provoca uma «explosão editorial»

Por JOSÉ GOMES BANDEIRA

É quase uma «explosão editorial» — por certo, um dos momentos altos na história da publicação do livro em Portugal — o que deverá assinalar a passagem dos 50 anos da morte de Fernando Pessoa e, simultaneamente, por força da legislação em vigor, a queda no domínio público dos direitos de edição da obra do genial poeta da «Mensagem».

De acordo com uma breve «ronda» feita junto de diversas casas editoras portuguesas, pode afirmar-se que neste momento, em diversos pontos do país, milhares e milhares de páginas estão a sair todos os dias das máquinas impressoras e das rotativas das nossas tipografias.

Por outro lado, às reedições e às edições de inéditos com que actualmente se ocupam muitas das nossas editoras, há que acrescentar os estudos e os ensaios, as revistas e os jornais, as notícias e os catálogos, os folhetos e os convites em torno de um sem-número de iniciativas que já começaram a desenhar.

Coimbra a Oxford e Friburgo. E um pouco desse panorama, destacando a actividade editorial, que aqui registamos. Começando pelo Porto, cidade onde (na revista «A Águia») F. Pessoa se estreou como crítico literário.

• AJHLP (Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto) — edita e apresenta (hoje mesmo) o novo livro do prof. José Augusto Seabra, um dos nossos melhores pessoanos, «A Pátria de Pessoa e a Língua Portuguesa». A AJHLP inaugura também a sua primeira exposição internacional de arte postal, dedicada a Pessoa, com trabalhos (cerca de meio milhão) provenientes de todo o mundo e subordinada ao tema «O poeta é um fingidor». Outra edição da AJHLP será «A socialização da arte em Fernando Pessoa», de Fernando Alvaranga. De referir ainda que no salão desta mesma «Casa dos Jornalistas», do Porto, tem estado

• CLÁSSICA EDITORA — vai editar poesias de heterónimos pessoanos (Alvaro de Campos e Alberto Caeiro) e também a «Mensagem». Para já, uma obra do poeta apresentada por L. Oliveira e Silva.

• EDITORIAL PRESENÇA — tendo acabado de editar «Fernando Pessoa e a filosofia hermética» (estudo de Yvette Henteno), a «Presença» lança em Dezembro uma antologia do poeta, prefaciada e organizada por Maria Alete Galvão, que inclui poemas inéditos.

• DINALIVRO — dentro de dias publicará «O Heterónimo Pessoa», ensaio do prof. José Augusto Seabra.

• REGRA DO JOGO — na col. Ensaio sairá o livro de Yvette Henteno «Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação» (início do próximo ano). Na mesma col. sairá «Pessoa e Eça», de Beatriz Berrini.

• IMPRENSA NACIONAL — editará, nomeadamente: «Pessoa Mínima», de António Tabuchi; «Fernando Pessoa — Uma fotobiografia», de Maria José Lancastrre (reedição); «A poesia de Fernando Pessoa», obra de A. Casais Monteiro apresentada por José Blanco; «O essencial sobre Fernando Pessoa», de Maria José Lancastrre; «Homenagem a Fernando Pessoa», de José João Brito; «Fernando Rei da nossa Baviera», de Eduardo Lourenço; «Uma conversa no Outono de 1935», ilustrações e um texto de A. Tabuchi.

• «eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»